



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras da usina hidrelétrica de Jirau**

**Porto Velho-RO, 12 de março de 2009**

Gente, uma palavra apenas, de agradecimento.

Uma obra dessa envergadura não poderia estar começando agora se a gente não tivesse a contribuição de muitos parceiros. Em primeiro lugar, o Congresso Nacional. E aqui eu posso falar em nome dos deputados que estão aqui – como eu não tenho nominata, para não esquecer nome, não vou falar –, dos senadores e senadoras que estão aqui, que têm contribuído de forma decisiva para que a gente consiga aprovar todas as leis que nós mandamos para o Congresso Nacional, para concretizar o PAC, em tempo recorde. Tem algumas que ainda não foram aprovadas, que são um pouco mais difíceis, mas certamente todo mundo tem consciência de que com uma crise mundial que vocês estão vendo na televisão, a gente não pode brincar em serviço e temos que fazer aprovar as novas leis para que a gente possa fazer mais obras.

Segundo, a colaboração do governador e do prefeito, que se eles não tivessem boa vontade e se resolvessem criar caso, certamente esta obra iria demorar muito mais para começar a acontecer. Terceiro, a disposição do governo de transformar esta obra aqui numa obra exemplar, como hidrelétrica, para futuras hidrelétricas.

Eu acabei de propor ao ministro Lobão a constituição de um comitê coordenado pelo Ministério de Minas e Energia, que junte um representante do governador, um representante do prefeito, um representante da empresa, das várias empresas que estão participando do consórcio, coordenado pelo próprio ministro Lobão ou alguém designado por ele, que participe gente do Ministério do Meio Ambiente, gente do Ibama. Se quiser, Lobão, mais adiante convoque um representante do Ministério Público, para que a gente constitua um comitê



de acompanhamento desta obra, para que a gente evite que tenha deformações de informações, que tenha problemas no Ministério Público, no Ministério do Meio Ambiente, no Ibama. Ou seja, que a gente acompanhe mensalmente as coisas que estão acontecendo, para evitar que uma obra dessa magnitude às vezes possa ficar parada um mês, dois meses, cinco meses, um ano, e às vezes vários anos, por causa de ações judiciais ou coisa parecida.

Vocês estão percebendo o quanto é bom um brasileiro ou uma brasileira ter um emprego com carteira profissional assinada; o quanto é bom a gente ter a certeza de que no final do mês a gente vai ter um salário para levar para casa, para a nossa mulher e para os nossos filhos, a comida de cada dia. Eu digo sempre que não existe nada que orgulhe mais um ser humano do que ele poder sustentar a sua família com dignidade, não viver de favor.

E uma coisa extraordinária, que eu nem sabia, que aconteceu aqui, agora, que eu quero valorizar muito: o acordo feito pelo Sebrae e pelas empresas para formar aqui 100 microempresários, prepará-los para que eles possam ajudar a dinamizar os investimentos e os empreendimentos aqui no estado de Rondônia.

E, sobretudo, o acordo feito pelo Meneguelli, em nome do Sesi, com os empresários também, para a formação de 10 mil trabalhadores aqui, no estado de Rondônia. E aqui, quem sabe, a grande maioria até da própria cidade de Porto Velho. E vocês vão perceber a diferença de um trabalhador qualificado e um trabalhador não-qualificado. Ou seja, quando a gente adquire uma formação profissional, a gente tem muito mais possibilidade de ter emprego em qualquer parte do mundo do que se a gente não tiver profissão.

E como nós estamos determinados a transformar o Brasil num país independente, para que nunca mais a gente tenha apagão em energia elétrica, e que nós queremos, preservando o meio ambiente, cuidando bem das nossas matas e das nossas águas, fazer com que todo o potencial de construção de



hidrelétricas no Brasil seja construído, porque o Brasil já é o país do mundo que tem mais energia renovável e, certamente, nós iremos crescer muito mais, porque temos muitas propostas, muitos projetos para que sejam colocados em prática daqui para a frente.

Vocês sabem que a última grande hidrelétrica terminada no Brasil foi a de Xingó, que começou há quantos anos? Veja, a última que nós inauguramos, de grande porte, foi Xingó, que foi em 1995. Então, nós temos feito muitas pequenas e médias hidrelétricas, mas grande, desse porte aqui, de Jirau, e do porte de Santo Antônio serão as duas primeiras hidrelétricas depois de 13 anos sem o Brasil fazer uma grande hidrelétrica.

O que é importante para nós, e as empresas estão entendendo e estão contribuindo é que nessa crise que vocês estão vendo na televisão todo santo dia, nós precisamos cuidar de fazer mais investimentos agora. Antigamente os empresários tinham dificuldade de fazer obra com o governo, Governador, Prefeito, deputados e senadores, porque normalmente o governo não tinha dinheiro. Então, os empresários assinavam contrato e eles ficavam na expectativa de que o governo pagasse em dia. Muitas vezes o governo atrasava o pagamento e os empresários iam diminuindo o potencial de trabalho, iam diminuindo as máquinas, diminuindo os trabalhadores; aí, de repente, o governo pagava, começava forte outra vez; depois o governo não pagava mais, tiravam as máquinas. Ou seja, o Brasil ficou campeão de obras não concluídas.

O que nós pedimos aos empresários, para enfrentar essa crise, que não é nossa, que não foi criada por nós, que não foi criada por nenhum país da América do Sul, uma crise que nasceu no coração do país mais rico do mundo, que são os Estados Unidos? E a crise nasceu por irresponsabilidade do sistema financeiro internacional, dos bancos internacionais, que resolveram ganhar muito dinheiro com papéis, em vez de ganhar dinheiro investindo no setor produtivo.



Ou seja, o dinheiro bom, que faz um país crescer, que faz gerar emprego é aquele dinheiro que é investido para produzir uma simples pedreira, ou para produzir um carro, ou para produzir uma televisão ou uma geladeira. Agora, quando os banqueiros quiseram ganhar dinheiro apenas vendendo papéis e especulando aconteceu a quebraadeira dos bancos, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Essa crise, na verdade, era para ter chegado no Brasil com muito menos intensidade. O Brasil está sendo o último país a ser afetado pela crise, e eu tenho certeza de que nós seremos o primeiro país a sair dessa crise.

Foi por isso que eu pedi aos empresários: todas as obras em que a gente puder colocar dois turnos, ou três turnos, ou seja, fazer a máquina rodar 24 horas por dia, nós temos que fazer, porque vai gerar mais empregos, o emprego gera salário, o salário gera consumo e essas três coisas juntas fazem com que a economia brasileira volte a rodar.

Como eu acho que o ano de 2009 é o ano mais delicado, e os países ricos têm responsabilidade de acabar com essa crise logo, eu estou convencido de que se a gente fizer as coisas acontecerem, como está acontecendo aqui, já trabalhando em três turnos, em todas as obras de rodovias, em todas as hidrelétricas, em todas as ferrovias, em todos os projetos habitacionais, onde for possível a gente ter três turnos, para a gente contratar três trabalhadores, eu tenho certeza de que esta crise vai voltar rapidinho para onde ela nasceu e vai deixar o Brasil em paz, porque nós passamos muito tempo esperando crescer, passamos muito tempo esperando gerar emprego para o povo deste país. E agora, que as coisas estavam andando maravilhosamente bem, vem a crise dos países ricos afetar os países emergentes.

Mas quando eu vejo a cara de vocês – e coloquei esse chapeuzinho aqui, sabendo que não vai cair nada do céu aqui... Coloquei esse guarda-pedra aqui só para ficar parecido com vocês e sentir a sensação que vocês estão



sentindo, sentir a sensação gostosa de que agora vocês são muito mais brasileiros e brasileiras, são muito mais cidadãos e cidadãs, porque agora vocês estão ganhando o pão de cada dia trabalhando de forma digna, com carteira profissional assinada, com jornada de trabalho garantida. E vocês viram o que falaram ali, não é? Aqui tem pelo menos 56 meses de garantia de emprego. E vocês viram também a quantidade de emprego que vai gerar uma obra dessas aqui, entre emprego direto e indireto, são mais de 30 mil. Imaginem isso para o estado de Rondônia, para a prefeitura de Porto Velho, o significado do crescimento da economia.

Uma coisa que eu queria falar para vocês, para que não haja nenhuma deformação. É importante, e aqui é um apelo que eu faço aos empresários e ao companheiro Lobão para coordenar isso, é o seguinte: é muito importante que a gente utilize tudo o que for possível a gente utilizar, do estado de Rondônia, a gente utilizar para que a gente possa gerar mais oportunidade de trabalho aqui neste estado.

A segunda coisa importante que eu queria dizer para vocês é que pode ser que alguém diga para vocês: “Olha, mas nós estamos construindo a hidrelétrica aqui, o que é que vai ficar em Rondônia? Nós vamos produzir energia para São Paulo, vamos produzir energia para o Rio de Janeiro, vamos produzir...”.

Deixa eu dizer duas coisas para vocês: eu dizia ao Governador, dizia ao Prefeito, e vinha discutindo no avião com o senador Expedito, com a Fátima Cleide e com o Raupp. Ou seja, eu vinha discutindo o seguinte: Eu quero ver como é que estará o estado de Rondônia daqui a 15 anos. Quinze anos para mim, que já estou com 63, é muito tempo, porque eu estou mais perto de lá do que daqui. Mas para vocês, que são jovens, 15 anos não é nada. A construção dessas duas hidrelétricas aqui, primeiro é um investimento da ordem de R\$ 21 bilhões. Acho que não tem nenhuma obra no mundo, hoje, com um custo de



US\$ 10 bilhões, como nós estamos investindo aqui. Tudo isso para estar resolvido em quatro anos.

A segunda coisa é que quando a gente tiver as hidrelétricas prontas, este estado vai receber, inexoravelmente, uma quantidade enorme de empresas que virão para cá, por conta da capacidade produtiva de energia. Portanto, isso aqui vai significar o desenvolvimento da região, do estado, da capital e das cidades vizinhas.

A terceira coisa importante é que Rondônia passa a contribuir para que não falte nunca mais energia no Brasil. O apagão de 2001, que vocês todos acompanharam pela televisão, por que aconteceu o apagão? Porque a gente não tinha linha de transmissão, a gente tinha pouca. Então, naquele ano, você tinha excesso de água no Sul do País, sobretudo no Rio Grande do Sul. Se eu estiver falando alguma mentira aqui, quem conhece de energia, Lobão, pode dizer: “É mentira”.

Então, nós tínhamos excesso de água no Rio Grande do Sul, e nós tínhamos problema de água no Sudeste, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O que aconteceu? Como a gente não tinha linha de transmissão, a gente estava jogando água fora, de um lado, vertendo muita água e, de outro lado, a gente estava com os outros estados com problema de energia.

Nós vamos terminar o meu mandato construindo 42% de tudo o que foi construído em linha de transmissão nos últimos 125 anos, neste país. Por que é importante fazer esse linhão até São Paulo? Porque enquanto o estado de Rondônia não estiver utilizando a energia produzida aqui... A cada vez que Rondônia precisar de 1 megawatt, 2 megawatts, 3 megawatts, 4 megawatts, 5 megawatts, 100 megawatts, 1000 megawatts, Rondônia vai ter preferência de ter a energia aqui, porque não tem sentido ter a hidrelétrica aqui, levando energia para São Paulo e deixando vocês sem energia, não existe essa hipótese.



Acontece que vai levar um tempo para Rondônia precisar utilizar todo o potencial de energia que nós vamos produzir aqui. Então, essa energia será colocada num linhão. E por que um linhão direto, não parando em cada cidade? Porque um linhão direto, ele economiza, a gente perde menos energia, a gente perde muito menos energia. Ou seja, a gente pode perder quanto, Tolmasquim? 5%? 5%. Se ele for direto, de cada 100 megawatts que a gente leva, a gente pode perder cinco. Agora, se a gente ficar repartindo, parando em vários lugares, aí nós poderemos perder quanto? Uns 20%, 25, se for parar? Aí perde mais.

Então, enquanto Rondônia não vai utilizar o potencial de energia produzido aqui, obviamente que tem que se vender para São Paulo, para o Rio, para Minas Gerais, para o Amazonas, para quem tiver dinheiro para comprar.

O que vai ser importante é que quando nós interligarmos todo o Brasil, como se fosse uma teia de aranha, todo o Brasil interligado de linha de transmissão, o que vai acontecer? Quando – o que nunca vai acontecer – mas se esse rio secar e não produzir um megawatt aqui, você transporta energia do Nordeste, do Amazonas ou do Sul para cá. Faltou lá, você transporta para lá. E assim o Brasil vira quase que uma cooperativa, é uma rede comunista de transmissão de energia elétrica, ou seja, é a rede socialista de transmissão de energia elétrica. Ou seja, é um pedaço do Brasil, é o rio Madeira contribuindo com o rio Tietê, que não produz muita energia, produz até um pouco. E é o rio Madeira sendo solidário ao rio Tocantins, e daqui a pouco está o rio Tapajós sendo solidário ao rio Madeira, o rio Madeira solidário ao rio Tietê. E, assim, o Brasil será mais justo, mais solidário e um país com mais crescimento econômico.

Por isso, meus companheiros, vocês não sabem a alegria de eu estar aqui. Esse projeto do rio Madeira é, para mim, como se fosse um filho deste país, ou seja, passou nove meses e não nasceu, e era problema “pra desgraça”, e ia ao médico, e o médico dizia que tinha problema do Ibama, que



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

tinha problema do peixe, que tinha problema não sei das quantas. Ou seja, era um parto daqueles, que nem as máquinas que vêm se já está (incompreensível) não resolviam. Graças a Deus saiu. E agora nós queremos que esta criança chamada Jirau se transforme em adulto, vire maior de idade e possa produzir parte da energia, que vai produzir parte da riqueza, que vai produzir parte dos empregos gerados neste país.

Que Deus abençoe todos vocês. E muito obrigado por tudo.

(S211A)